

## Apelo por todos e pelo SNS

### **A força da unidade para superar a ameaça pandémica**

Portugal atravessa uma situação gravíssima de disseminação da infeção e, conseqüentemente, do número de pessoas que se debatem com situações graves e muito graves e dos que, infelizmente, morrem devido direta ou indiretamente à Covid-19. Mais do que nunca, é necessária uma resposta concertada das forças e poderes políticos, da comunidade científica, da comunicação social, dos profissionais de saúde e de toda a população.

Certamente haverá na situação presente convergência e sinergismo de múltiplos fatores. Alguns foram identificados, documentados e antecipados nos últimos seis meses, sem terem sido modificados ou atenuados. Outros emergiram nas últimas semanas. A mistura tornou-se explosiva. Este não é o momento para lutas políticas, acusações ou atos de contrição. Virá um tempo para isso. Agora é tempo de agir. Todos temos um papel a desempenhar.

A resposta passa pela ação concertada de todos. Pelo cumprimento rigoroso de medidas e ações que reduzam abrupta e imediatamente a intensidade da transmissão do vírus na comunidade. É a única forma de baixar o número de doentes graves, travar a perda de vidas, e evitar o colapso do SNS e do sistema de saúde.

Aos atores e aos poderes políticos apela-se que utilizem ao máximo as aprendizagens destes meses de experiência nacional e mundial e procurem compreender e integrar melhor nas suas decisões as determinantes, limitações e motivações comportamentais dos seus concidadãos e dos sectores envolvidos e atingidos pela crise. Que saibam aconselhar-se com órgãos de cariz científico multidisciplinar e interinstitucional, minimamente organizados e colaborativos, que laborem em permanência para recolher, analisar e produzir conhecimentos científicos e sínteses regulares, relevantes e úteis para a decisão em cada momento.

À comunidade científica e suas instituições, apela-se a que cooperem e se organizem proactivamente entre si, para atingir massa crítica de pensamento e análise científica estruturadas. Que sejam capazes de produzir sínteses úteis, sinalizando claramente conhecimentos consolidados, sem escamotear controvérsias e incertezas, evitando atuações pessoais, dispersas e desencontradas. Que o façam de modo sistemático e permanente e que as suas sínteses, regularmente atualizadas, sejam comunicadas nas formas e conteúdos adequados aos decisores políticos, aos profissionais de saúde e à comunicação social.

Aos dispositivos de saúde pública e dos cuidados a montante dos hospitais deve ser concedida prioridade máxima de reforço de meios. Há que assegurar suficiente capacidade de realização dos inquéritos epidemiológicos, identificação, testagem e isolamento dos infetados. A ação insuficiente da rede de saúde pública e das intervenções a montante determinam, semanas depois, avalanches e colapso dos serviços a jusante. O que infelizmente está a acontecer.

À comunicação social apela-se que reajuste e inove as suas estratégias de informação. Que tenha em conta as necessidades emergentes e a aparente dessensibilização psicossocial, após meses consecutivos de pandemia.

Quanto à população e seus grupos específicos, que cada cidadão interiorize convictamente que o seu contributo é decisivo. Que pense nos outros, nos seus familiares, amigos, vizinhos, colegas. E também nos profissionais de saúde. Que se preocupe em protegê-los, numa atitude altruísta que será benéfica para si próprio. Que tenha a ousadia e a força para inverter a ordem das prioridades do “*proteger-me a mim*” para o “*proteger os outros*”. Isso pode fazer a diferença. Pensar em cada momento que, atualmente, sem o saber, pode estar a transmitir vírus involuntariamente.

Cada um de nós deve cumprir, sem hesitações, com absoluto rigor e tolerância zero as ações ampla e repetidamente enunciadas pela Direção-geral da Saúde. Nunca é demais repeti-las porque dificultam ou impedem a transmissão do vírus e ajudam a salvar vidas:

- distância e afastamento de pessoas, que não sejam os conviventes;
- abster-se de toda e qualquer deslocação desnecessária;
- usar máscara, como barreira ao lançamento para o ar, superfícies e objetos de gotículas contaminadas por vírus;
- manter renovado o ar dos espaços fechados;
- higiene adequada e frequente das mãos, para evitar infetar-se ao levar vírus à boca, nariz e olhos.

***E que cada um faça tudo isto, não por ser obrigado mas porque quer evitar o sofrimento de pessoas e a perda de vidas.***

Paralelamente, que cada um de nós seja um agente de saúde exercendo o dever cívico e a pedagogia adequada para incentivar todos à nossa volta a seguir à risca as recomendações da DGS, em especial as atrás relembradas.

Podemos e devemos ajudar a preservar o funcionamento do SNS, que é um património de todos. A todos cabe evitar que o aumento descontrolado de pessoas infetadas leve o SNS e o sistema de saúde a um colapso que colocará em perigo de vida milhares de pessoas com Covid-19 e com muitas outras doenças e acidentados, que não poderão ser tratados.

Apelamos para a unidade e determinação de todos os Portugueses para que seja possível superar esta crise no mais curto espaço de tempo possível.

Lisboa, 21 de janeiro de 2021

*Constantino Sakellarides, J. Aranda da Silva, Víctor Ramos* - Ex-presidentes e presidente da FSNS.

*António Leuschner, Celeste Gonçalves, Diana Costa, Isabel Abreu, José Carlos Santos, Maria Augusta Sousa, Marta Salavisa, Patrícia Barbosa, Pedro Maciel Barbosa, Rui Monteiro, Rute Teixeira Borrego, Teresa Gago* - Membros do Conselho de Administração e colaboradores permanentes da FSNS.